

**CONVENÇÃO ESTADUAL DOS MINISTROS
EVANGÉLICOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS -
MINISTÉRIO DE MADUREIRA NO ESTADO DE
SÃO PAULO – SP**

**ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA –
PERÍODO DE 15 A 17 DE NOVEMBRO DE 2018 –
AD BRÁS, CAPITAL, SÃO PAULO.**

Senhor Presidente,

Magna Mesa,

Douto Plenário

Comissão designada pelo Presidente da CONEMAD-SP e Presidente da Junta Conciliadora do Estado de São Paulo, Bispo Samuel Cássio Ferreira, para tratar do tema: **COACH, TUTOR, MENTORIA: É BÍBLICO? DEVE SER ENSINADO?**

Comissionários:

Presidente: Pastor Cláudio Luiz Spiti

Relator: Pastor Manoel Ferreira

Membros

Pastor Ely Silva de Lima

Pastor José Luiz Araújo

Pastor Narciso Carmo da Fé

Pastor Rubens Bueno

Pastor Aureliano Martins Fonseca

Pastor Jesaias Chaves Silva

Pastor Ildefonso Alves Das Neves

Pastor Eustaquio de Oliveira Simas

Pastora Ludicéia Limiro Da Silva

Pastora Valéria Elizabeth Canalli Da Fé

Pastora Sarai Campos Costa

Pastora Debora Fulter Cardoso

Pastora Marlene De Almeida Pinheiro

Pastora Alva Maria Finassi Da Silva

Pastora Cilbele Cristina Bandina Magela

Pastora Benilde Maria Irentine Da Silva

Pastora Anna Alzira Araújo Leite Feliz

Pastora Abigail Pinto Santos

COACH, TUTOR, MENTORIA: É BÍBLICO? DEVE SER ENSINADO?

Introdução

O ser humano sempre precisou do conhecimento e da experiência de outros para que pudesse aprender e descobrir os seus próprios talentos e potenciais, e, assim, encontrar o seu lugar na sociedade e no mundo. A função daquele que ensina sempre existiu. Perpassando pelos séculos, poderemos encontrar diferentes nomes para essa atividade, bem como formas diversas de serem desempenhadas. Assim, podemos ver os mestres (professores), os discipuladores, os tutores, os mentores e, ultimamente, os *coachs*, palavra de origem inglesa que significa “vagão, carro” (para dar a ideia daquele que conduz por meio de uma estrada) e que passou a ser amplamente usada nos meios esportivos, para designar o “treinador”. Agora a vemos nos meios corporativos, comportamentais e até eclesiásticos.

Aquele que transfere conhecimento, de fato, é um condutor, já que o aprendiz é alguém que passa a “andar” por novos caminhos em direção ao crescimento pessoal, profissional, espiritual, ministerial etc. É célebre a frase do físico Albert Einstein: “*A mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original*”. Essa função –

de ajudar a abrir a mente do outro para o aprendizado – é do mestre, do mentor, do professor, do *coach*.

Ainda na era das cavernas, quando não havia escrita, o homem sentiu a necessidade de registrar o conhecimento que ele possuía ou adquiria. Para tanto, fazia uso de sinais e símbolos (pinturas rupestres), externando seus conhecimentos. Esse registro, feito nas paredes das cavernas, locais de sua habitação, e em objetos, servia de informação para os demais, inclusive para as gerações futuras – ainda que aquele que a registrava nem tivesse essa noção. De qualquer forma, acontecia à transmissão do conhecimento de um indivíduo ou grupo a outros indivíduos ou grupos.

Antes mesmo da escrita, essa transmissão se dava pelos sinais e pela forma oral. Criada em 4.000 a. C. na Mesopotâmia pelos sumérios, a escrita, chamada de cuneiforme, passou também a ser utilizada pelos demais povos como forma de comunicação, o que facilitou e difundiu a transmissão do conhecimento entre dois indivíduos: o ensinador e o aprendiz. No Antigo Egito já havia a preocupação com a “formação”, o que fez com que fossem colocadas pessoas para o ensinamento dos demais. Neste mesmo tempo surgiam as escolas.

Entre os espartanos, a educação começava aos sete anos de idade e se preocupava com

o aprimoramento das habilidades físicas do indivíduo. A dura rotina de treinos físicos era mantida com o objetivo de fazer com que os homens estivessem prontos para a guerra e as mulheres aptas para gerar crianças saudáveis. Além disso, cada criança era mantida por um tutor que desempenhava a função por vínculo de amizade e sem ganhar nada em troca.

Em Atenas, o serviço era feito mediante uma cobrança e cada tipo de conhecimento era delegado a um tipo de tutor ou professor.

[...]

Na Roma Antiga, o papel de educar foi desempenhado pelos retores (Estudiosos de retórica, na antiga Grécia), que – assim como os sofistas gregos – circulavam pelas cidades ensinando o que sabiam em troca de alguma compensação financeira. Além disso, podemos citar a presença dos lud magister, que desempenhavam a função de alfabetizar as crianças que não tinham uma condição material mais abastada.¹

Com essa breve explanação, podemos afirmar que a transmissão de conhecimento surgiu como uma necessidade de o homem se comunicar e de

aprender para ensinar. Assim sendo, os indivíduos não guardavam consigo seus aprendizados, mas expandiam essas mensagens e sentimentos para além de si mesmos.

A Bíblia e as funções de *coach*, tutor e o mentor

Já falamos sobre a origem da palavra *COACH*, agora falaremos dos demais termos deste estudo. *MENTOR* vem de *Méntor*, o nome de um personagem da Odisseia, amigo de Ulisses e que orientava o filho deste, Telêmaco. O nome passou a significar “*pessoa que guia, ensina ou aconselha*”. Já o termo *TUTOR* vem do latim *tueri*, que significa “*proteger, vigiar*”.

Apesar de as raízes e origens destes termos (*coach*, *tutor* e *mentor*) serem diferentes, os sentidos são muito similares. Podemos sintetizar assim: *coach* seria aquele que treina; *tutor*, aquele que guia; *mentor* aquele que forma a maneira de pensar. Todas essas funções, no entanto, têm como objetivo ensinar, transmitir conhecimento. Nesse sentido, as três funções suprem a necessidade de saber que todo ser humano tem, porém um saber de qualidade, cuja experiência e maturidade daquele que transmite são de grande valor no sentido amplo da formação do aprendiz.

No Antigo Testamento, vemos os hebreus ensinando e sendo ensinados (mentoreados). A própria Escritura (Torah) foi transmitida, oralmente, para os mais jovens, para que estes não só recebessem aquele conhecimento religioso (para preservá-lo), mas para que também o passassem adiante. Essa “educação” acontecia nas famílias (casas) por ordem e Deus:

E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. (Dt 6: 6,7)

Ela também iniciava bem cedo:

A educação dos filhos começava por volta dos três anos, quando já sabiam falar: orações e cânticos eram aprendidos por repetição. Em casa, observavam os símbolos e práticas religiosas que propiciavam oportunidade de ensino. Os pais tinham responsabilidades definidas na educação. [...] O pai ensinava religião, a história do povo hebreu e uma profissão.²

Posteriormente, ampliava-se para os espaços religiosos (tabernáculo e sinagogas) através dos sacerdotes e rabinos. Os rabinos eram verdadeiros mentores. No Novo Testamento temos o testemunho de Paulo que foi mentoreado (treinado) pelo rabino Gamaliel, que era uma espécie de *coaching*.

Atos 22:3

*“Quanto a mim, sou varão judeu, nascido em Tarso da Cilícia, e nesta cidade **criado aos pés de Gamaliel, instruído** conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso para com Deus, **como todos vós hoje sois**”.*

Jesus também foi um rabino (Jo 3:2). As palavras: “rabino” ou “rabi” significam “mestre”, aquele que ensina. Uma das missões de Jesus era discipular (liderar) os que Ele havia escolhido para andar consigo. Essa função de Jesus não era meramente a de transmitir ensinamentos “teológicos” (para isso existiam os “doutores da lei”). Mas, o principal interesse de Cristo era ensinar sobre novas e corretas formas de comportamento e caráter; princípios eternos e valores, como amor e fé... qualidades subjetivas e práticas que eram de suma importância para a vida daqueles homens e para a própria igreja que seria formada e pastoreada futuramente por eles. **Aqueles homens não recebiam apenas instruções teóricas/teológicas por parte de Jesus, mas a vivência, a experiência e até a participação (prática) em suas atividades.**

Outra questão fundamental é que o resultado obtido nos ensinamentos de Jesus estava atrelado ao fato de ele ser um líder. Jesus estava formando líderes (sendo um *coach*, *treinando pessoas*), porque Ele era um líder, não só por excelência, mas pela

prática, pois tinha seus liderados. Não basta saber: é preciso ter a prática do que se ensina. Isso deve sempre ser levado em conta, na igreja principalmente. Como nosso objetivo é o crescimento sadio da igreja (tanto de seus obreiros quanto das pessoas, membros), nós precisamos nos ater aos riscos que um “coach ou mentor” não qualificado por sua própria experiência de liderança pode levar a todo o grupo. Temos visto, ultimamente e cada vez mais, muitas pessoas que até se intitulam pastores (podem sê-lo de fato, mas até o título muitas vezes não é comprovado), porém, não têm rebanho, não lideram sequer uma igreja ou grupo de pessoas (não podemos confundir liderança com chefia). No entanto, dizem-se formadores de líderes! Como alguém que não tem a vivência de liderança pode ser um formador nesse quesito? Não será mais fácil deformar, ao invés de formar, ou seja, de criar “novos líderes” que não lideram? Esse é o grande perigo! Provocar efeitos nocivos a outro e, no caso da igreja, ao reino de Deus. Outra questão: além de deformação, esse tipo de “mentoria” é frívola, e não raro, se torna ineficaz quando a instrução vem de quem não tem a vivência (prática) no assunto, já que o ensino se dá por teoria (retórica), sem implicações práticas pela falta de experiência.

Podemos dizer que Paulo e o próprio Jesus foram *coachs*, pois treinavam pessoas para darem continuidade aos propósitos divinos. **Tanto um quanto outro, não só usavam de retórica, mas traziam e proporcionavam experiências aos seus liderados.** Treinar é mais que transferir uma mensagem ou conhecimento; é permitir os erros para que os discípulos sejam capazes de superar as dificuldades e tenham eles, por si só, coragem e desenvoltura para resolverem os problemas colocados. À medida que o *coaching* treina, ele forma alguém tão bom quanto ele, ou melhor!

João 14: 12.

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o meu Pai.”

O treinamento de Jesus aos seus discípulos tinha como objetivo que eles fossem “superiores” em obras que seu discipulador. Isso se daria por meio da fé! Diante disso, podemos dizer que os treinamentos são essenciais para os cristãos. Se esse treinamento vem da igreja, eles não correm o risco de serem deformados, mas formados conforme sejam os ensinamentos bíblicos.

Podemos ver na figura de Josué (o sucessor de Moisés – Dt 34: 9; Js 1: 1,2) alguém que não se preocupou em formar um substituto. Ninguém foi treinado ou mentoreado por ele, o que custou a segurança de todo o povo. Sem um líder, a nação de Israel passou a ser conduzida por juízes que eram inconstantes, forma de liderança que trouxe instabilidade e grandes problemas para toda a nação.

Tempos mais tarde, vemos Elias, acertadamente, sendo acompanhado por Eliseu, o moço (aluno) que estava com seu mestre em todo o tempo. Essa visão foi aplicada a outros seguidores que participavam da “Escola de profetas” organizada por Samuel (1Sm 19: 20) e depois mantida por Elias e Eliseu (2Rs 6: 1-7). Isso trouxe uma sucessão profética fundamental para o povo de Deus. Nessa época, o grupo contava com cerca de cem profetas (aprendizes) (2Rs 4: 38-43), e Eliseu (formado por Elias) era o responsável por manter o ensinamento (moral, musical e espiritual) e a formação daqueles que tinham chamado divino. Saul, o primeiro rei de Israel, foi direcionado por Samuel a ir ao encontro dos profetas (1Sm 10: 5-8).

Fazer discípulos foi à ordem de Jesus para os seus próprios discípulos – e para cada crente de cada época (Mt 28: 19,20). No Novo Testamento temos a orientação de Paulo, para que aqueles que ensinam

o façam com dedicação (Rm 12: 7). Quando não existe o ensinamento, a igreja sofre e os crentes perecem. Assim, o escritor de Hebreus discorre sobre a importância não só de aprender, mas de permanecer sendo treinados, fundamentados na palavra para que não se perca o conhecimento e para que não haja influência de falsos mestres e doutrinas (Hb 6).

Por fim, vemos Paulo se preocupando com sua própria sucessão quando ele diz a Timóteo: *“E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fieis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”* (2Tm 2: 2). Essa deve ser a preocupação de todos os líderes, a de formar bem, para que seus sucessores sejam reprodutores dos bons e fieis ensinamentos que receberam. Assim, a igreja deve ser a “sala de aula” ideal para a mentoria, o treinamento e a formação dos futuros condutores do rebanho de Deus.

Parecer da Comissão

Os termos *coaching*, tutoria e mentoria, conforme foi apresentado neste estudo, têm o mesmo significado, que é ensinar. Sendo assim, não há nenhuma objeção para que sejam utilizados no ambiente eclesiástico. Como vimos, ainda que com outros nomes, na própria Bíblia existem exemplos de *coach*, tutor e mentor, cujas atividades eram treinar e capacitar as pessoas para certo estilo de vida – no caso das Escrituras, o estilo de vida de “santidade”.

O ensinamento sempre foi uma atividade bíblica, defendida por todos os homens de Deus do Antigo e do Novo Testamento como forma de transmissão e conhecimento, inclusive por Jesus. O que vemos hoje são nomes modernos (talvez mais chamativos ou termos estrangeiros), mas cujo significado é o mesmo: ensinar. Desta forma, seja por meio de *coaching*, mentoreamento (mentorship), tutoria ou outra designação cujo sentido seja ensinar, deve ser permitida e apoiada. Para tanto, deve-se ter conhecimento daquele que terá como função promover esse ensino (é capaz para tanto?) e do conteúdo a ser transmitido. **Também há que se observar a experiência. Por exemplo: como ensinar sobre liderança se nunca liderou? Podemos ver muitos equívocos por parte daqueles que formam “líderes” sem nunca ter liderado.**

A atenção também deve estar quanto aos objetivos de tais atividades, devendo as mesmas serem realizadas em prol do crescimento pessoal do aprendiz, seja para benefício e melhora de sua performance pessoal, profissional, ministerial... resultados capazes de torná-lo uma pessoa melhor e mais bem preparada do que estava antes de ser submetido a tal aprendizado ou treinamento.

Faz parte do meio corporativo, principalmente, a utilização dessas “ferramentas” para estimular e capacitar seus colaboradores a desempenhar suas funções com mais qualidade e resultados. Os reflexos positivos destes treinamentos devem ser excepcionais, já que os custos para a empresa são altos para ter como treinadores e palestrantes, renomados empresários, profissionais liberais, esportistas, professores entre outros que são muito bem remunerados para prestar tais serviços.

Em se desenvolvendo tal atividade na igreja, deve a liderança ter conhecimento detalhado de todo o conteúdo a ser ministrado/disponibilizado, checando, por meio daqueles que têm tal competência, se está alinhado ao que se espera para a conduta cristã e se não há divergências teológicas com o ministério.

Tudo o que se começa deve ter continuidade. A Bíblia nos ensina que é melhor terminar do que começar... Nenhuma atividade deve ser estimulada, promovida ou realizada por estar na “moda” ou

visando objetivos meramente financeiros. Mas deve ter a habilidade de melhorar a vida daquele que será submetido a ela. Nesse sentido, é importante que haja um planejamento de tais atividades para que haja começo, meio e fim.

Pastor Cláudio Spiti.

Presidente da Comissão.

Pastor Manoel Ferreira

Relator da Comissão.

Bibliografia

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013, 4ª ed rev. e at.

Bíblia do Culto. Santo André: Geográfica, 2015.

Educação nos dias bíblicos.
<http://vivos.com.br/educacao-nos-dias-biblicos/>.

Acesso em: 02 nov. 2018.

SOUZA, Rainer. **O professor ao longo do tempo.** Disponível em:
<<https://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/o-professor-ao-longo-do-tempo.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã.** Rio de Janeiro: CPAD, 2002.